

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: análise dos enquadramentos propostos pela Revista Veja¹

Claudine Freiberger FRIEDRICH²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Os movimentos sociais são formas de resistência à exclusão e às injustiças, que são reforçadas, na contemporaneidade, pelo sistema neoliberal, segundo Gohn (2011). No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é o maior movimento social e também o mais combatido pela burguesia e pela grande mídia, conforme Pereira (2005). A partir disso, este trabalho objetiva compreender quais são os enquadramentos acionados pela revista semanal de maior circulação do país - a Veja - para noticiar o MST, com base na metodologia proposta por Goffmann (1986). Através de um mapeamento das notícias publicadas no portal online da Revista em 2016, a pesquisa identifica uma abordagem acusativa e incriminatória feita pela Veja, em textos que mesclam informação com opinião e contribuem para a formação de uma visão social negativa do MST.

PALAVRAS-CHAVE: Enquadramento; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Movimentos Sociais; Revista Veja.

1) MOVIMENTOS SOCIAIS

De acordo com Gilly e Roux (2006), a América Latina, na década de 90, foi marcada por conflitos e mobilizações vistas como forma de resistência ao modelo neoliberal de economia, que surgiu no final da década de 70 e causava mudanças nas relações capitalistas predominantes até então. A forte influência dos ideais privatizadores, principalmente nos países de Brasil, Argentina e México, gera a conclusão de que este novo ciclo de desapropriação e apropriação vinha “transitando pela dissolução de formas puras ou híbridas da comunidade agrária, pela conversão da terra em mercadoria e pela destruição dos laços protetores da autossuficiência material dos produtos agrícolas” (GILLY e ROUX, 2006, p. 11, tradução nossa).

¹ Trabalho apresentado na II01 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante do 7º semestre de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
E-mail: claudinefriedrich@hotmail.com

Sobre estes aspectos, Gohn (2011, p. 344) afirma que as mudanças causadas pelo neoliberalismo geraram violência, diminuição de oportunidades no mundo do trabalho formal, formas precárias de emprego e constrangimento dos direitos dos indivíduos. A partir disso, Gohn (2008, apud Gohn 2011), avalia os movimentos sociais como “formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”; para a autora, eles são representantes de forças sociais organizadas, que realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas e aglutinam pessoas como campo de experimentação social, sendo construtores de atividades geradoras de inovações socioculturais, com grande poder de controle social. Os movimentos sociais, atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e às injustiças sociais, lutando pela inclusão social e para a construção de um espaço público diferente do modelo neoliberal, analisa Gohn (2011).

Segundo Poupeau (2007, p. 47-48, apud Gohn 2011, p. 339): “a mídia e sua cobertura tornam-se elementos estratégicos nessa configuração; ela contribui para a direção do movimento, pois o movimento social precisa de visibilidade”. Nesta perspectiva, além de oprimidos pelo sistema econômico vigente, estes movimentos dependem e são influenciados pela mídia, que é responsável pela construção do imaginário social a respeito destas organizações.

Neste cenário de resistência ao neoliberalismo e de subordinação ao poder midiático, está incluído o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tendo em vista que estas mudanças que marcaram as relações capitalistas no Brasil na década de 80 e 90 coincidem com a data de criação do MST, em 1984. Consequentemente, as ações deste movimento social e suas reflexões na mídia são marcadas por formas de afronta ao sistema neoliberal e às relações sociais construídas com a emergência deste.

2) MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é o maior e mais vigoroso movimento social existente no Brasil, aponta Pereira (2005, p.10, tradução nossa). Pesquisas sobre o MST foram muito presentes no cenário científico na década de 90 e nos anos 2000 e, ainda hoje, se mostram relevantes para entender a cobertura dos movimentos sociais feita pela grande mídia.

Uma das maiores pautas do MST é a reforma agrária, uma luta que perdura há décadas no Brasil e, ao não apresentar grandes mudanças rotineiras, tem suas reivindicações, normalmente, despercebidas para os olhares noticiosos, a menos que simbolize práticas diferentes das habituais. Tendo consciência disso, os movimentos sociais do campo, muitas vezes, realizam ações com o objetivo de chamar atenção, causar comoção social, fugir da monotomia, para que, com isso, apareçam na mídia e, de alguma forma, tenham suas reivindicações lembradas pela sociedade.

No caso do MST, algumas ações, quando noticiadas, são consideradas radicais - como os bloqueios de rodovias, a organização de acampamentos, as manifestações de rua, invasão de propriedades rurais e de empresas privadas, entre outras. Mesmo após mais de uma década do ápice de suas ações, o MST continua sendo um movimento social que é e gera notícia, através das ações polêmicas e da abrangência em todo o território brasileiro, como afirma Pereira (2005, p.10, tradução nossa):

Dos vinte e seis estados da federação, ele está presente em vinte e três e no entorno da capital federal. Trata-se do primeiro movimento de base agrária efetivamente nacional da história brasileira. [...] É também o movimento social mais combatido pela burguesia e pela grande mídia.

A fundação do MST ocorreu em janeiro de 1984, durante o Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, em Cascavel, no estado do Paraná (CALDART, 2001, p. 207). Neste encontro, foram definidos alguns princípios do Movimento:

lutar pela reforma agrária radical; lutar por uma sociedade justa e igualitária e acabar com o capitalismo; reforçar a luta pela terra, com a participação de todos os trabalhadores rurais, sejam arrendatários, meeiros, assalariados e pequenos proprietários, estimulando a participação das mulheres em todos os níveis (COLETTI, 2005, p. 24).

A partir disso, o MST se constituiu, majoritariamente, como um movimento formado por famílias com ideais comuns, que se propõem a ir contra o modelo de sociedade vigente e a lutar, principalmente, por um lote de terras para viver e plantar:

Os parceiros; os pequenos arrendatários; os pequenos proprietários que perderam, por algum motivo, suas terras; os filhos de pequenos proprietários; os assalariados rurais, temporários ou não; os trabalhadores atingidos pela construção das barragens hidrelétricas; enfim, as bases iniciais do movimento – mais tarde, tais bases sociais iriam se ampliar -

foram geradas por determinadas condições econômicas ligadas ao desenvolvimento capitalista do campo (COLETTI, 2005, p. 14).

Tendo consciência de que “a propriedade da terra no Brasil é uma das mais concentradas no mundo e essa realidade arrasta-se desde os tempos do Brasil-colônia até os dias atuais” (COLETTI, 2005, p. 33), o MST se mostra como um movimento de afronta a essa realidade e, assim, começa a realizar protestos em todo o país. Também passa a organizar os acampamentos, em terras públicas ou privadas, a fim de dividir os latifúndios em lotes menores de terras, para transformá-los em assentamentos rurais.

Em vista disso, grandes acontecimentos polêmicos envolvendo o MST repercutiram na mídia, tanto nacional quanto internacional, desde seu surgimento:

O MST sabe, com mais ou menos de certeza, que a luta pela terra e a questão da reforma agrária não são em si notícia no Brasil. Por um lado, porque ela é a mesma há muitos anos e, assim, não corresponde ao critério de novidade para ser notícia; por outro, porque não vai ao encontro dos interesses dos que detêm o poder político e de seus representantes na mídia. (BERGER, 1998, p. 109).

Segundo Berger (1998), as lutas se traçam entre o movimento social e o poder dominante, neste caso o governo e/ou os proprietários de terras. Na cobertura da grande mídia, pesquisas indicam que constantemente foram geradas – e ainda são – repercussões negativas do MST, baseada na verdade de uns e não de outros.

3) REVISTA VEJA

De acordo com a Associação Nacional dos Editores de Revistas (ANER), a *Veja* é a revista semanal de maior circulação no Brasil. Lançada em setembro de 1968, em meio à ditadura militar brasileira, pela Editora Abril, “a revista ficou marcada desde o início por suas coberturas políticas” (VELASQUEZ e KUSHNIR, 2010). Tendo como primeiro editor o jornalista e empresário Victor Civita, “ao longo dos anos 1970 a *Veja* tornou-se o semanário nacional mais importante, com tiragens que alcançaram cerca de trezentos mil exemplares” (VELASQUEZ e KUSHNIR, 2010).

Em editorial comemorativo dos dez anos da *Veja*, Victor Civita expôs os princípios básicos que guiavam a Revista, baseados nos ideais políticos liberais, na

iniciativa privada, contrariedade às greves e busca pelo fim do regime militar em defesa do capitalismo democrático, conforme expõem Velasquez e Kushnir (2010):

O primeiro deles era o princípio liberal: “E ser liberal, para nós, é querer o progresso com ordem, a mudança pela evolução, e a manutenção da liberdade e da iniciativa individuais como pedra angular do funcionamento da sociedade.” O editor insistia assim na crença de *Veja* no capitalismo democrático e na livre iniciativa, condenando tanto o “capitalismo estático, excludente, onde o bem-estar de uns poucos é obtido à custa da privação dos outros”, quanto “a entrada do Estado em setores onde a livre iniciativa pode desincumbir-se sozinha”. [...] Condenava as greves e as propostas de formação de “centrais sindicais tipo CGT, que fatalmente se concentram na ação político-ideológica”. [...] Declarava também não ver “razões para se anistiar pessoas que infringiram o Código Penal alegando razões políticas, nem para se incentivar a reorganização de grupos políticos que não aceitam a convivência democrática”.

Em 2018, a *Veja* já completa 50 anos e os princípios descritos por Civita continuam norteando o jornalismo feito pela Revista. A Carta ao Leitor, de 16 de junho de 2017, reforça esta visão editorial, quando cita que:

Em maio de 1980, Victor Civita, fundador da Editora Abril, escreveu um pequeno parágrafo que até hoje serve de norte e missão para o que VEJA publica: “A Abril está empenhada em contribuir para a difusão de informação, cultura e entretenimento, para o progresso da educação, a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento da livre-iniciativa e o fortalecimento das instituições democráticas do país” (VEJA, Carta ao Leitor, 2017).

Atualmente, a Revista tem uma tiragem média de 1.200.000 cópias a cada sete dias; está presente nas edições impressas e digitais, sendo a segunda revista semanal mais lida do mundo, atrás apenas da americana Time; o site da *Veja* (veja.abril.com.br) recebe 23 milhões de visitantes únicos todos os meses (VEJA, Carta ao Leitor, 2017).

Sobre o jornalismo praticado pela Revista, Benetti (2007) avalia, criticamente, que ela forma opinião a partir do julgamento de práticas sociais e culturais e faz uso da ironia como forte estratégia discursiva. A mescla da informação e da opinião é comum nos textos publicados pela Revista:

Veja não se enquadra nos gêneros tradicionais de texto jornalístico, notadamente na distinção entre jornalismo informativo e opinativo. Embora carregado de informação, seu texto é fortemente permeado pela opinião, construída principalmente por meio de adjetivos, advérbios e figuras de linguagem. *Veja* construiu, de si mesma, uma forte imagem de legitimidade para proferir saber –

frente a um suposto não-saber dos leitores, da população em geral e, em certos momentos, das próprias fontes (BENETTI, 2007, p. 42).

A autora conclui que a Veja estabelece uma relação paradoxal com seu leitor: “por um lado, imagina-o como um leitor articulado, com bom nível de compreensão do mundo e da própria linguagem; por outro, imagina-o como um leitor ingênuo, cuja opinião deve ser construída pelo jornalista” (BENETTI, 2007, p. 46). Estes apontamentos da autora serão reforçados ao final deste trabalho, com base nas conclusões apresentadas a cerca da análise do recorte de material noticioso da Revista.

4) ENQUADRAMENTO NOTICIOSO

O equilíbrio entre a enorme diversidade de visões que os fatos apresentam é um princípio que o Jornalismo tenta passar para adquirir credibilidade e fazer com que o público confie que está ciente do que permeia todas as partes envolvidas na notícia. Porém, de acordo com estudiosos do campo da comunicação, essa amplitude de olhares nunca poderá ser passada de forma completa, pois os princípios editoriais dos jornais e a bagagem social que o jornalista carrega consigo, entre outros fatores, sempre trarão alguma influência no resultado apresentado sobre o fato noticiado.

Tendo consciência disso, desenvolveu-se este trabalho com base na metodologia do sociólogo Erving Goffman sobre Enquadramentos. Ele define que os “enquadramentos são entendidos como recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão, etc.) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos” (PORTO, 2002, p.6).

No presente trabalho, foram analisadas um total de quinze notícias divulgadas ao longo do ano de 2016 no portal online da Revista Veja³. A busca se deu através da palavra-chave “MST” diretamente no site e, dessa forma, todas as quinze notícias encontradas referentes ao ano de 2016 foram selecionadas para, então, serem analisadas a partir de aspectos referentes ao enquadramento noticioso.

Essa análise foca-se em critérios textuais e também visuais das notícias. A utilização de informações mais salientes, a exclusão de outras, a repetição de sentenças, a associação de um fato a outro que já é conhecido culturalmente, os atores individuais

³ Portal online da Revista Veja: <http://veja.abril.com.br/>.

ou coletivos que recebem voz nas matérias, entre outros, são pontos a serem identificados pelo enquadramento. Pozobon e Schaefer (2014, p. 164) explicam que “os enquadramentos referem-se à formatação, à disposição das mensagens, aos diversos recursos verbais e visuais que são utilizados na apresentação de uma notícia”. Goffmann, em sua obra denominada *Frame Analysis* (1986) nos dá uma visão geral da definição de enquadramento:

Goffman define enquadramentos como os princípios que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos. Segundo o autor, tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: "O que está ocorrendo aqui?" (PORTO, 2002, p.4).

Os enquadramentos são importantes instrumentos de poder, pois ocorrem em todo tipo de cobertura jornalística e, muitas vezes, sem que a audiência tenha a mínima consciência disso. A imparcialidade é mostrada, em meios de comunicação de diferentes espécies, como um dos únicos princípios formadores das notícias e faz com que a verdade representada em determinado periódico seja considerada por muitos como a única verdade existente. Segundo Porto (2002, p. 5), “efeitos de formulação podem ocorrer sem ninguém ter consciência do impacto do enquadramento adotado nas decisões e podem ainda ser explorados para alterar a atratividade relativa das opções”.

Quando se fala em movimento social, as manchetes, a etimologia das palavras empregadas e as imagens utilizadas para ilustrar as matérias são pontos que podem nortear o estudo, a fim de identificar como estes fatores são propensos a influenciar o imaginário social:

No caso do MST, a manchete e o título constituem, para muitos leitores, a única informação, pois conflitos em torno da posse da terra não dizem respeito, diretamente, a quem não é proprietário de terra; não emocionam como uma desgraça; não mobilizam como uma tragédia e não se enquadram na informação indispensável à vida urbana/cotidiana. Logo, raramente vendem jornal e são lidos pelo que se salienta do texto: títulos, negritos, legendas e fotos (BERGER, 1998, p. 109).

Para estudar os enquadramentos, precisamos delimitar qual o tipo de pesquisa que pretendemos realizar, já que “os trabalhos que abordam a temática do enquadramento na comunicação o fazem de duas maneiras: para falar dos enquadramentos da mídia (*media frame*) e dos enquadramentos da audiência (*thought frame*, *individual frame* ou *frame effects*) (VIMIEIRO E DANTAS, 2009, p.1)”.

Como nesta pesquisa pretende-se estudar a produção das notícias, ou seja, a forma como elas são construídas, justifica-se a escolha pela abordagem nos estudos de enquadramentos da mídia, ou enquadramentos noticiosos. Porto (2002, p.15) aponta que

enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. No jargão dos jornalistas, este seria o "ângulo da notícia", o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros.

Sabe-se que as influências nos telespectadores vão muito além do que a mídia pode proporcionar. A trajetória de vida, o senso comum e as experiências podem ter maior poder de formação de opinião do que um texto jornalístico. Pan e Kosicki (2001, apud, PORTO, 2002, p. 17) explicam que:

O processo de enquadramento não é uma via de mão única através da qual as elites manipulam o público (p. 47). Enquadramentos não se referem apenas a processos de manipulação, mas são parte de qualquer processo comunicativo, uma forma inevitável através da qual atores fazem sentido de suas experiências.

Com base nisso, entende-se que analisar os enquadramentos propostos pela Veja é uma relevante maneira de entender de que forma a Revista atua na construção da visão social a respeito do MST, como também de observar o tipo de jornalismo que é praticado em um dos maiores veículos comunicacionais do país.

5) ANÁLISE

Para sintetizar a análise das quinze matérias envolvendo o MST referentes ao ano de 2016, encontradas no portal digital da Revista Veja, decidiu-se apresentá-la através do Quadro de Análise a seguir. Os principais pontos a serem levantados sobre cada uma, eleitos a critério da pesquisadora, estão citados na aba Recursos Textuais. Além disso, o quadro apresenta também o título de cada matéria, com respectiva data de publicação e link para acesso.

Para a apresentação destes Recursos Textuais, foram eleitos pontos em comum entre uma matéria e outra, como o tamanho dos textos, a relação dos títulos e subtítulos com o conteúdo textual, o vocabulário utilizado para fazer referência ao MST ou a pessoas ligadas ao Movimento, as fotos que ilustram os textos, a utilização de fontes e a comprovação das informações apresentadas.

Quadro de Análise

Título e Data	PM do DF prende militante do MST com 55 mil em dinheiro - 11/04/2016
Link	https://goo.gl/jx3HGv
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Texto diz que um homem foi preso com dinheiro em mochila dentro de acampamento do MST, mas não apresenta o motivo da denúncia citada; - Matéria traz fotos de dinheiro supostamente apreendido; - Texto com 3 parágrafos e nenhuma fonte utilizada.
Título e Data	Em primeiro dia de impeachment, MST faz protesto em frente a CNA - 15/04/2016
Link	https://goo.gl/fpiwUe
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Texto com um total de cinco linhas, com conteúdo igual ao subtítulo; - Título afirma que “MST faz protesto”; já no corpo do texto, diz “movimentos sociais ligados ao PT realizam protestos”; - Imagem utilizada mostra, de longe, integrantes do MST portando bandeiras, com a legenda “Protesto em frente a CNA”.
Título e Data	Lula substitui Dilma em ato do MST e continua ataque a Temer: “Que dispute eleições” - 16/04/2016
Link	https://goo.gl/pu6SFk
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Blog de Reinaldo Azevedo; - Referência às falas de Dilma e de Lula como “ataques” ao então vice-presidente Michel Temer; - Texto com 3 parágrafos, sem utilização de fontes; - As declarações contidas no texto são partes da carta enviada por Dilma para seus simpatizantes e também de parte do discurso proferido por Lula no ato.
Título e Data	MST invade fazenda que diz ser “ligada” a Temer - 09/05/2016
Link	https://goo.gl/FT8Uo2
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Blog de Reinaldo Azevedo; - Texto com dois parágrafos; o primeiro comenta uma nota divulgada no site do MST que aborda a ação e aponta as reivindicações; o segundo parágrafo traz a versão apresentada pela assessoria do presidente Michel Temer, de que o presidente não é proprietário da fazenda e também afirmação do MST de que a fazenda em questão é do coronel da reserva da PM-PB, João Batista Lima Filho; - Utilização do termo “invasão”.
Título e Data	Contra o impeachment, MST diz que invadiu fazenda ligada a Temer - 09/05/2016
Link	https://goo.gl/PmJDgn
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do termo “invasão” para se referir à ação dos manifestantes; - Afirma que o discurso do governo de que há um golpe em curso no Brasil (processo de impeachment) é um discurso “errôneo”; - Matéria termina com a afirmação: “Desde que foi deflagrado o processo de Impeachment no Congresso, o MST tem alardeado que vai incendiar o país em apoio à manutenção de Dilma na presidência”; - Fotografia de um homem escalando uma cerca, onde há uma bandeira do MST pendurada; - Acusação de que o MST pretende “incendiar o país” não apresenta fonte para comprovar; a única fonte utilizada no texto é a página do MST.
Título e Data	Segundo jornal, general vê o MST como deve ser visto. Que bom! - 30/05/2016
Link	https://goo.gl/uXYpAb
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Blog de Reinaldo Azevedo; - Comenta declaração do general Sérgio Etchegoyen, ministro-chefe do GSI (Gabinete de Segurança Institucional), que vê as manifestações do MST e outro grupos como preocupantes; - Afirmação sem fonte: “Acho que as Forças Armadas são imunes a esse tipo de vagabundagem”;

	- Diversas opiniões são expressadas, como “que bom”, “acho”, “eu também vejo”; apesar de estar na ala de “blog”, em nenhuma parte é identificado como texto de opinião.
Título e Data	Abin preocupada com manifestação do MST no início dos Jogos - 28/07/2016
Link	https://goo.gl/fwLC5i
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Texto total da matéria possui 4 linhas, sendo o mesmo texto que está presente no subtítulo; - Afirmção sem fonte: “Há suspeitas de que João Pedro Stedile não vai querer demonstração pacífica de descontentamento com o novo governo”; - Não há fonte que afirma a preocupação da Abin, nem os preparativos de uma manifestação do MST; - A matéria também não explica o que significa “Abin”, que é a Agência Brasileira de Inteligência, e também não explica quem é João Pedro Stedile (considerado um dos líderes do MST). - Fotografia de pessoas com camisetas e bandeiras do MST dentro de um prédio; legenda diz: só gritaria?
Título e Data	É mentira! Os sem-terra não foram acusados de terrorismo. Isso é invenção do MST - 03/08/2016
Link	https://goo.gl/zscosg
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Blog de Reinaldo Azevedo; - Título se refere ao MST com as palavras: “mentira” e “invenção”; - Texto diz que o MST tenta “demonizar” a Lei Antiterror; acusado de “crime de organização criminosa”; - Afirma que o MST é visto como um herói pela imprensa (não destaca de qual imprensa se está falando); - Verbos em primeira pessoa, sem utilização de fontes; - Expressa também que as versões dos fatos dadas pelo Movimento são muito influentes e que esta em questão é tão falsa quanto “nota de 3 reais”.
Título e Data	MST ocupou área de pequenos agricultores em Pernambuco - 07/08/2016
Link	https://goo.gl/23Sa2D
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do termo invadir: “Depois de uma prolongada sonolência durante os governos petistas, o MST voltou a invadir terras pelo país”; - Texto de cinco linhas, com texto igual ao subtítulo e nenhuma fonte; - Fotografia mostra manifestantes com camisetas e bandeiras do MST em um momento de protesto, sem especificar local e data; legenda diz “fim da trégua”.
Título e Data	Deputados convidam líder do MST para debater pré-sal na Câmara - 09/08/2016
Link	https://goo.gl/c4SyxE
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Texto de dois parágrafos, dizendo que João Pedro Stédile foi convidado para debater projeto de exploração do pré-sal na Câmara; - Subtítulo é igual ao texto; - Foto de João Pedro Stédile com uma bandeira do MST ao fundo. Legenda: “A-ha, u-hu, o pré-sal é nosso”.
Título e Data	ACREDITEM! Ditadura de Maduro usa MST para reprimir venezuelanos no Brasil - 02/09/2016
Link	https://goo.gl/kaakN4
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Blog de Reinaldo Azevedo; comenta notícia que já foi descrita anteriormente: “Com MST, chavistas armam arapuca para venezuelanos no Rio”; - Sentença: “Fascistas da ditadura de Nicolás Maduro agora mobilizam fascistas do PT – na sua versão MST – para reprimir venezuelanos no Brasil”; - Afirmção de que Lula e Dilma pretendiam implantar no Brasil o mesmo regime de governo vigente na Venezuela; - Refere-se ao MST como “milícia”, “vagabundos” que estão “perdendo a vergonha”. - Três parágrafos iniciais comentam sobre o fato, de forma opinativa. Em seguida, vem o mesmo texto que foi divulgado em matéria anterior. Ao final, o texto contém dois parágrafos que falam sobre protestos na Venezuela a respeito do referendo revogatório contra Maduro.

Título e Data	Com MST, chavistas armam arapuca para venezuelanos no Rio - 02/09/2016
Link	https://goo.gl/eXFTm5
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização dos termos: “Repressão”; “Mercenários pagos para nos boicotar”; - O texto afirma que venezuelanos foram xingados pelos chavistas, pelo cônsul e por integrantes do MST; contudo, não há nenhum depoimento afirmando isso; a única fonte utilizada para falar sobre o fato é o venezuelano William Adrian Clavijo Vitto, colocado como um dos organizadores da concentração; - Há duas imagens na matéria, sendo uma delas dos venezuelanos com placas “Referendo Revogatório Já” e outra com pessoas vestindo vermelho e portando roupas também vermelhas; a única referência na imagem que pode ligar os manifestantes ao MST é o vermelho (cor da camiseta e bandeira do Movimento), já que não há nenhuma bandeira do Movimento ou algum dizer que demonstre a presença do MST na foto.
Título e Data	MST ocupa pátio do Incra e Ministério da Fazenda em Porto Alegre - 05/09/2016
Link	https://goo.gl/fSnyW7
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Referência ao final da página de que a matéria é do Estadão Conteúdo; - Utilização do termo “ocupação”; as palavras “agricultores”, “camponesa”, “categoria”, “grupo” são usadas para fazer referência a integrantes do MST; - Utilização de depoimento de uma militante do MST, que conta as dificuldades que teve para se deslocar, com sua família, de sua cidade no interior para participar da mobilização em Porto Alegre; - Apresenta as pautas da mobilização (resistência ao Impeachment de Dilma Rousseff, retomada da Reforma Agrária, pedido de assentamento de 2,3 mil famílias acampadas, suspensão de pena a mais de 578 mil assentados considerados irregulares e a contrariedade à Reforma na Previdência); - A matéria é ilustrada por uma foto de um homem idoso carregando uma bandeira do MST em frente ao prédio do Incra.
Título e Data	Lula participa de ato em defesa do “exército” do MST. Trata-se, evidencia a polícia, de um exército de criminosos - 07/11/2016
Link	https://goo.gl/xzfp9h
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Blog de Reinaldo Azevedo; - Utilização deste vocabulário para referir-se ao MST: “Exército de criminosos”; “delinquência política”; “bandidos”; “delinquentes”; “pancadaria”; “faltosos”; “cárcere privado”; “criminosos”; comparação com milícias do Rio de Janeiro e com “narcotraficantes”, “quadrilha”, “exército de criminosos”. - 15 linhas do texto falam sobre a participação de Lula em um ato em solidariedade à escola Florestan Fernandes (que é título da matéria), outras 46 criticam atos do MST; - Dado sem fonte: “Nada menos de 10 mil pessoas no oeste e sudoeste do Paraná vivem sob o estado paralelo criado pelo MST”; utiliza-se “Evidencia a polícia”, sem nenhuma afirmação policial sobre a acusação; não há nenhuma fonte nomeada no texto; - Afirmações em forma de opinião, sem fonte: “A polícia do Paraná trabalhou direito”; “Bem, a esquerda é, por si, um crime moral”; “Todos sabem que, nos acampamentos do MST, as leis brasileiras e a Constituição não valem”.
Título e Data	MST acampa na entrada da Assembleia de MG em apoio a Pimentel - 21/11/2016
Link	https://goo.gl/hhnhN4
Recursos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> - Texto contém 6 parágrafos; o primeiro se refere à ocupação feita pelos manifestantes; os outros cinco explicam as acusações nas quais o governador está envolvido e a tramitação do pedido de abertura de ação penal; - Não utiliza nenhuma fonte; - O assunto contido no título do texto se desenrola apenas no primeiro parágrafo, sendo que os demais não voltam a falar sobre a manifestação do MST; - A única imagem que ilustra a matéria é uma foto de Fernando Pimentel.

6) CONCLUSÕES:

Os aspectos que foram apresentados no Quadro de Análise dizem respeito aos elementos que mais se sobressaíram em relação ao Enquadramento Noticioso identificado nas matérias publicadas pela Revista Veja. É possível perceber particularidades entre uma e outra notícia, no entanto, são as semelhanças o que mais chama a atenção.

Em relação aos recursos textuais destacados, o que se sobressai é a utilização do vocabulário chulo. Os textos apresentam palavras de baixo calão, xingamentos e adjetivos pejorativos para referir-se ao MST, como: “criminosos”, “bandidos”, “fascistas”, “vagabundos”, “delinquentes”, “quadrilha”, “milícia”, “vagabundagem”. Além disso, ações realizadas pelo Movimento foram chamadas de “invasão” e “repressão”, e falas ditas por indivíduos envolvidos com o MST foram apresentadas com os termos “invenção” e “mentira”.

Foi possível observar também o curto desenvolvimento dos textos, sendo que quatro deles apresentam apenas dois ou três parágrafos. Ainda, algumas matérias traziam no corpo do texto o mesmo conteúdo presente no título e/ou subtítulo, abordando o assunto de maneira vaga, sem aprofundamento. A matéria “Abin preocupada com manifestação do MST no início dos Jogos”, por exemplo, possui 4 linhas ao todo, sendo idêntica ao texto que está presente no subtítulo; não usa-se fontes para afirmar a suposta preocupação da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), nem para tratar dos preparativos de uma manifestação por parte do MST; as acusações são “jogadas” no texto, sem argumentação para comprová-las.

Os títulos dos textos, algumas vezes, também distanciam-se do assunto principal apresentado pela matéria, ou seja, o título ressalta a figura do MST, de maneira alarmante, mas o texto não condiz com o título, não confirma o que é apresentado e não desenvolve o assunto. A matéria intitulada “PM do DF prende militante do MST com 55 mil em dinheiro”, por exemplo, afirma no título que o preso em questão é militante do MST; já o corpo do texto apresenta apenas que um homem foi preso dentro de um acampamento do MST com dinheiro em uma mochila; além de não haver fonte afirmando que o sujeito é realmente um militante, não há informações sobre o porquê de os 55 mil reais encontrados em uma mochila terem resultado na prisão.

As fotos e legendas também não retratam os textos, já que aparecem de forma descontextualizada e pouco informativas; muitas vezes, ainda que alusivas ao assunto,

não retraram os momentos ou ações apresentadas pelas matérias, existindo na página apenas de forma ilustrativa. Como exemplo, temos o texto “MST ocupou área de pequenos agricultores em Pernambuco”, o qual, dentro das cinco linhas que o formam, afirma: “Depois de uma prolongada sonolência durante os governos petistas, o MST voltou a invadir terras pelo país”; na fotografia que ilustra o texto, vê-se manifestantes com camisetas e bandeiras do MST em um momento de protesto, mas ela não especifica o local e nem a data em que foi feita; a legenda diz apenas “fim da trégua”; além disso, o subtítulo é igual ao único parágrafo do texto e não há o uso de fontes.

Estas atitudes jornalísticas vão contra critérios apresentados por estudiosos da área. O autor Jorge (2008) avalia que, para fazer-se um jornalismo de qualidade, “o esforço se concentra em apontar objetivamente o que está vendo, sempre tentando retratar os fatos de maneira fiel para que o leitor interprete, junte e julgue os fatos, tirando as próprias conclusões” (JORGE, 2008, pg. 125) e ainda que “as exigências de qualidade devem caminhar no sentido de maior exatidão dos fatos” (JORGE, 2008, p. 123).

Outro ponto que distoa dos princípios jornalísticos apontados por este autor é o quase inexistente uso de fontes, já que, no geral, foi possível perceber que, além de curtos, os textos não apresentam depoimentos. Os dados, as afirmações e as opiniões são expressas sem a identificação dos indivíduos das quais derivam e sem argumentação para justificá-las; a informação se mescla com a opinião constantemente. Além disso, seis destas quinze matérias são identificadas como “Blog de Reinaldo Azevedo”, as quais estão permeadas de recursos textuais opinativos; mas em nenhum espaço da página há algum recurso que deixa claro o caráter de texto opinativo. Ao todo, foram encontradas três fontes em um total de quinze matérias analisadas, sendo que uma delas é referente ao texto compartilhado pelo Estadão Conteúdo, outra é o próprio site do MST e a terceira é o venezuelano William Adrian Clavijo Vitto, colocado como um dos organizadores de uma concentração a favor de referendo revogatório na Venezuela.

Jorge (2005, p. 125) afirma que “é preciso dar oportunidade para que as pessoas acusadas, criticadas ou citadas negativamente falem em sua própria defesa. Por isso, é importante que os repórteres tentem de todas as maneiras chegar às fontes e, quando não for possível, que expliquem o porquê”. Em nenhum dos textos analisados esta atitude é tomada, ou seja, as fontes não são apresentadas e não é explicado o porquê da ausência.

Um teor diferenciado, praticamente contrário, foi encontrado na matéria produzida pelo Estadão Conteúdo e compartilhada pela Veja, intitulada “MST ocupa

pátio do Incra e Ministério da Fazenda em Porto Alegre”. Neste texto, o termo “invasão” é substituído pelo termo “ocupação”. Os integrantes do MST são identificados com as palavras “agricultores”, “camponesa”, “categoria” e “grupo”. Existe um depoimento de uma militante do MST que participou do protesto e, além disso, o texto apresenta as pautas da mobilização. Além do caráter mais aprofundado e respeitoso, a matéria é ilustrada com uma foto de um homem idoso carregando uma bandeira do MST, supostamente em frente ao prédio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), local onde ocorria a mobilização.

Com base nisso, conclui-se que o Enquadramento Noticioso apresentado pela Revista Veja no ano de 2016 representa o MST como um grupo violento, criminoso, mentiroso, invasor e partidário, tratado como sinônimo do Partido dos Trabalhadores (PT). A exceção entre todas as matérias publicadas pela Veja se dá apenas na que foi compartilhada do Estadão Conteúdo.

Identifica-se, com isso, a escolha da Revista Veja por um enquadramento que acusa e incrimina o MST. O viés se mostra coerente com os princípios do fundador Victor Civita que, na década de 70, a definiu como um veículo jornalístico defensor da iniciativa privada, da liberdade econômica, da manutenção da ordem pública e contrário à organização de grupos políticos que não aceitam a convivência democrática. Estes princípios são opostos aos norteadores do MST, que luta contra as relações capitalistas.

Jorge (2008, p. 130) avalia que “o jornalista não pode esquecer de que ele próprio é um formador de opinião e o texto influencia o que as pessoas pensam”, e indica que o jornalista deve ter cuidado para que o seu ponto de vista não distorça, mutila ou comprometa a interpretação dos fatos relatados nos textos. Com base na análise, concluiu-se que a Revista Veja não teve estes cuidados na escrita dos textos sobre o MST em 2016, já que, através de uma abordagem que mescla informação e opinião, a Revista possibilita a geração de interpretações vagas e descontextualizadas sobre o MST, trabalhando a favor da propagação de uma visão social negativa do Movimento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS. Disponível em:
<<http://www.aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao>> Acesso em 12 de março de 2018.

BENETTI, Marcia. A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. **Líbero**, v. 10, n. 20, p. 26-46, 2007. Disponível em:

<<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632>> Acesso em 12 de março de 2018.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

CALDART, Roseli Salette. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. Estudos Avançados 15 (43), 2001. Rio de Janeiro, 2001.

COLETTI, Claudinei. **A Trajetória Política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal**. 2005. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

GILLY e ROUX. El despojo de los cuatro elementos: capitales, tecnologías y mundos de la vida. In: BASUALDO e ARCEO (comps.), **Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales**, CLACSO, Buenos Aires, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v 16, n. 47, p. 333–361, maio/ago. 2011.

JORGE, Thais. **Manual do Foca – guia de sobrevivência para jornalistas**. Editora Contexto. São Paulo, 2008.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **El MST en una perspectiva histórica**. Argumentos, núm. 49, 2005, pp. 9-26. Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco Distrito Federal. México, 2005. Disponível em: <<https://desarrollomedellin.files.wordpress.com/2018/03/mendez-pereira-2005-el-mst-en-una-perspectiva-histc3b3rica.pdf>> Acesso em 12 de abril de 2018.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política**. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. Caxambu/MG, Brasil, 2002.

POZOBON e SCHAEFER. **Perspectivas contemporâneas das pesquisas sobre enquadramento: uma proposta de sistematização conceitual**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Unisinos, Vol. 16 Nº 3, 2014.

VIMIEIRO e DANTAS. **Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia**. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, v.3, n.2, 2009.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves; KUSHNIR, Beatriz. **Verbetes: Veja**. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Fundação Getúlio Vargas. 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/veja>> Acesso em 12 de março de 2018.

VEJA. **Carta ao Leitor**. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/brasil/obrigado-leitor/>> Acesso em 12 de março de 2018.